



 <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1041>

## A linguagem fascista como estratégia<sup>1</sup>

*The fascist language as strategy*

João Francisco Cortes Bustamante<sup>2</sup>

### Resumo

Jason Stanley (1969 -) compõe a geração filosófica da transição entre o século XX e o século XXI em que direciona a pesquisa e os estudos acadêmicos para filosofia da linguagem, ética e política. Ao equilibrar filosofia e política com análises conjunturais, Jason Stanley posiciona-se próximo à política vivenciada e, não, a teoria política, ou seja, os fundamentos conceituais advindos da filosofia, da ciência política e da filosofia política são instrumentos em prol de expressar o que se vivencia na política, na sociedade, nos países e no mundo. Ao se interessar em compreender sobre o fascismo, o filósofo concebe a linguagem como um dos elementos da estrutura e da estratégia a fim de servir para as práticas políticas. O objetivo é demonstrar como Jason Stanley expõe uma filosofia da linguagem para emergir a linguagem como estratégia das práticas políticas do fascismo. O estudo centraliza-se no livro *Como funciona o fascismo – a política do “nós” e “eles”*, e as demais obras e artigos do filósofo norte-americano são complementares. Pretende-se mostrar como Jason Stanley delinea de que há uma linguagem específica do fascismo como estratégia e como é possível estabelecer a razão da linguagem fascista ser uma possibilidade universal e não histórica.

**Palavras-chave:** Política. Linguagem. Fascismo. Estratégia.

### Abstract

Jason Stanley (1969 - ) is part of the philosophical generation of the transition between the 20th and the 21st century in which he directs research and academic studies towards philosophy of language, ethics and politics. By balancing philosophy and politics with conjunctural analyses, Jason Stanley positions himself close to lived politics and not political theory, that is, the conceptual foundations arising from philosophy, political science and political philosophy are instruments in favour of expressing that is experienced in politics, society, countries and the world. Because of being interested in understanding fascism, the philosopher conceives language as one of the elements of structure and strategy in order to serve political practices. The objective is to demonstrate how Jason Stanley exposes a philosophy of language to emerge language as a strategy for the political practices

<sup>1</sup> Este artigo foi originalmente publicado no livro *Fascismos: leituras, montagens e agenciamentos*: <https://doi.org/10.36592/9786587424910>.

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia da Escola de Humanidades da PUCRS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2069-6506> E-mail: [joao.bustamante@edu.pucrs.br](mailto:joao.bustamante@edu.pucrs.br)

of fascism. The study focuses on the book *How fascism works – the politics of us and them*, and the other works and articles of the American philosopher are complementary. It is intended to show how Jason Stanley delineates that there is a specific language of fascism as a strategy and how it is possible to establish the reason why the fascist language is a universal possibility and not a historical one.

**Keywords:** Politics. Language. Fascism. Strategy.

## Introdução

Jason Stanley (1969 -), nascido na cidade de Syracuse, no Estado de Nova York, Estados Unidos, doutor em filosofia pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) sob orientação de Robert Stalnaker, compõe a geração filosófica da transição entre o século XX e o século XXI. Conquanto tenha formação acadêmica e origem familiar do século passado, o exercício como pensador e estudioso absorve as mudanças e as transições do corrente século. Desse modo, o filósofo direciona a pesquisa e os estudos acadêmicos para filosofia da linguagem, ética e política em conjunto com uma produção bibliográfica crescente, bem como ganhador de prêmios e honrarias por alguns de seus livros publicados.

Jason Stanley atrai a atenção de leitores e interessados em seus posicionamentos políticos-filosóficos pela facilidade em transmitir o problema filosófico, o conteúdo político e a análise conjuntural em perspectiva histórica. Nos últimos anos, o filósofo ganhou crescente espaço na mídia e no âmbito acadêmico pelos escritos sobre o fascismo. Ao equilibrar filosofia e política com análises conjunturais, Jason Stanley posiciona-se próximo à política vivenciada e, não, a teoria política, ou seja, os fundamentos conceituais advindos da filosofia, da ciência política e da filosofia política são instrumentos em prol de expressar o que se vivencia na política, na sociedade, nos países e no mundo.

Essa forma de pensamento e de análise em Jason Stanley facilita, assim, discriminar as estratégias inseridas nas práticas políticas, cujos fundamentos advêm do legado da teoria política. Em esse sentido, o filósofo norte-americano lida com o fascismo como políticas delineadas por meio de uma estrutura e de uma estratégia em que se permitem, de modo *lato*, pontos comuns para identificar em termos universais essas políticas e, de modo *strictu*, pontos diferenciais para estabelecer as peculiaridades em termos particulares. Desse modo, a linguagem é um dos elementos da estrutura e da estratégia do fascismo a fim de servir para as práticas políticas.

O artigo tem como objetivo demonstrar como Jason Stanley expõe uma filosofia da linguagem para emergir a linguagem como estratégia das práticas políticas do fascismo. Para isso, o estudo centraliza-se no livro *Como funciona o fascismo – a política do “nós” e “eles”*, de Jason Stanley, e as demais obras e artigos do filósofo norte-americano são complementares. Em termos mais específicos, o artigo pretende mostrar que Jason Stanley utiliza-se do legado da filosofia para delinear de que há uma linguagem específica do fascismo como estratégia e, uma vez que se possa elencar *o que e como ocorre* essa linguagem, é possível estabelecer a razão de a linguagem fascista ser uma possibilidade universal e não histórica.

### **A Filosofia da linguagem**

A filosofia da linguagem abrange uma linha cronológica extensa em que perpassa pensadores como Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona, Henri Bergson, Gottlob Frege, Ludwig Wittgenstein, Bertrand Russell, Elizabeth Anscombe, David Lewis, Saul Kripke, John Searle, Susan Haack, Robert Stalnaker, entre outros, em uma diversidade significativa de pensadores. Essa variada quantidade de pensadores e pensadoras consideradas como referenciais para a filosofia da linguagem constitui também outras áreas da filosofia como filosofia da mente, lógica e epistemologia tendo em vista que não necessariamente a separação e a delimitação entre os temas sejam rígidas. Desse modo, é possível expor Jason Stanley como um filósofo relacionado à filosofia da linguagem de fundamentos na denominada filosofia analítica<sup>3</sup> ao mesmo tempo em que Robert Stalnaker, seu orientador de doutorado, é um filósofo dedicado tanto à filosofia da linguagem quanto à metafísica. Igualmente, é possível situar o filósofo norte-americano a um momento específico da filosofia:

No século XX, a Lógica e a Filosofia da Linguagem são duas das poucas áreas da filosofia nas quais filósofos realizaram progresso indiscutível. [...] Os avanços alcançados pela Filosofia da Linguagem no século XX são, é claro, resultado do notável progresso na lógica (STANLEY, 2008, p. 382).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> A distinção entre filosofia continental e filosofia analítica é um modo de conceber a filosofia advinda do século XX, principalmente a partir da década de 1960. Para isso, consultar D'AGOSTINI, F. *Analíticos e continentais: Guia à filosofia dos últimos trinta anos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

<sup>4</sup> Tradução do autor. O original é “In the Twentieth Century, Logic and Philosophy of Language are two of the few areas of philosophy in which philosophers made indisputable progress. [...] The advances Philosophy of Language has made in the Twentieth Century are of course the result of the remarkable progress made in logic”.

A filosofia analítica na filosofia de linguagem em Jason Stanley é exercida por intermédio da compreensão de que a linguagem é um instrumento por ser um meio a fim de emergir verdade e falsidade. Desse modo, a linguagem é compreendida com as devidas diferenças na tradição filosófica socrática da maiêutica, nos diálogos de Platão e na teoria de Aristóteles como a emergência da verdade como função precípua, ou seja, evitar a falsidade e buscar a verdade. Ao contrário de uma parte da filosofia antiga que minimizava a relevância da política, Jason Stanley lida, entretanto, com a política como eixo de expressão de poder e de ação da sociedade. Para isso, a linguagem é o meio que possibilita destacar a política, ou seja, a linguagem maneja verdade e falsidade a fim de servir para a política.

O filósofo norte-americano constitui a verdade e a falsidade como *ponto de chegada* tendo em vista que o *caminho* da política está constituído pela informação a ser utilizada na linguagem. Não há dúvida de que os temas clássicos da política como Estado, democracia, instituições, partidos, entre outros, são relevantes e perpassam a formação e a compreensão filosófica de Jason Stanley, mas a ênfase é estabelecer como a linguagem no arcabouço da filosofia da linguagem permite discernir sobre a política. Como consequência, a política detém na informação o conteúdo constitutivo da linguagem a fim de servir como exercício de poder e ação.

A filosofia da linguagem é o parâmetro para extrair a analítica política por meio da linguagem porque permite lidar com a proposição, a semântica, o sentido, a lógica, os paradoxos, os nomes, entre outras temáticas, em uma crescente complexidade do conteúdo político e da análise conjuntural de modo a relacionar diretamente política e linguagem:

O século XX foi o século da “filosofia linguística”, não porque todos ou mesmo a maioria dos problemas filosóficos tenham sido resolvidos ou dissolvidos ao recorrer à linguagem, mas porque áreas da filosofia que envolvem significado e conteúdo tornaram-se incomensuravelmente mais sofisticados (STANLEY, 2008, p. 382).<sup>5</sup>

A política vivenciada é compreendida nos fundamentos da filosofia analítica a fim de que a política tenha na linguagem o meio para exercer o poder de modo que a informação se sobressaia na interação. Desse modo, o ser humano utiliza a

---

<sup>5</sup> Tradução do autor. O original é “The Twentieth Century was the century of “linguistic philosophy”, not because all or even most philosophical problems have been resolved or dissolved by appeal to language, but because areas of philosophy that involved meaning and content became immeasurably more sophisticated”.

linguagem como acesso ao *outro*, ao grupo, àqueles que compartilham ou não um interesse político. De outro modo, a linguagem é monólogo, diálogo, solilóquio e colóquio, ou seja, é a expressão de si em potencialidade de interação. A junção entre política e linguagem é, com isso, transformar a potência da linguagem em ação da linguagem, pois permite ao conteúdo e ao significado adquirirem presença no mundo.

A informação, o conteúdo constitutivo da linguagem, consiste na forma, na aparência do que é verdade ou falsidade e é o *produto* da política. Por ser aparência, a informação não se confunde com verdade ou falsidade, pois é somente uma *porta de entrada*. Transformar a informação em sinônimo de verdade ou falsidade é o objetivo da política vivenciada na interação social por meio da linguagem e, por isso, cabe discriminar entre o que é informação e o que é verdade ou falsidade. A política vivenciada lida com o imediato da informação, com a interação social, com o público, com a necessidade do resultado *o quanto antes* ou com a protelação, com o escamotear, com o blindar, com o atrair, com eventualmente *tudo* que esteja relacionado com o ser humano em sociedade. A linguagem e a capacidade de o ser humano em trabalhar a linguagem ampliam essa dimensão:

Uma conversa envolve adquirir e transmitir informações sobre o mundo, imediatamente e sem muita reflexão consciente. Nossa capacidade linguística, logo, permite que nos envolvamos em atividades cooperativas complexas que requerem um fluxo rápido de informações entre um grande número de pessoas, como construir pontes e supercondutores (embora, infelizmente, também promovam guerra). Nós compartilhamos nossa capacidade de perceber visualmente com muitas outras espécies. Em contraste, nenhuma outra espécie possui nossa avançada capacidade linguística. Qualquer investigação sobre o que torna os humanos distintos como espécie começa e termina com o uso da linguagem (STANLEY, 2007, p. 1).<sup>6</sup>

Cabe verificar, assim, como a linguagem na política e no uso dado pela política permite estabelecer uma linguagem específica do fascismo. Mais do que isso, como a linguagem transforma-se em estratégia para que desloque as noções de

---

<sup>6</sup> Tradução do autor. O original é “A conversation involves acquiring and conveying information about the world, immediately and without much conscious reflection. Our linguistic capacity thereby enables us to engage in complex cooperative activities that require rapid information flow between large numbers of people, such as building bridges and superconductors (though unfortunately also waging war). We share our ability to visually perceive with many other species. In contrast, no other species has our advanced linguistic capacity. Any investigation into what makes humans distinctive as a species begins and ends with language-use”.

verdade e falsidade para com o objetivo de conquistar e de manter poder em consonância com a segregação social.

### **Linguagem como estratégia**

A política compreendida como ação e poder demanda absorção das condições existentes. Os aspectos sociais, econômicos e históricos interagem com a política em uma relação de espaço-tempo tendo em vista o espaço em que se insere, o *lugar*, e o momento, o *quando*. Ao abstrair as condições existentes, a ação e o poder podem ser simples *fugas da realidade* e perderem o objetivo a que estão propensos a servir. Caso as condições existentes sejam absorvidas, entretanto, a ação e o poder atraem a preparação e a aplicação.

Estratégia é um termo advindo da antiguidade e, tradicionalmente, se vincula com a área militar como forma de expressão de coordenação de movimentos e de ações com perspectivas de possibilidades. Insere-se, hoje em dia, a compreensão de estratégia em diversas áreas como administração, economia, comunicação social, política, entre outras, com uma variedade de definições e finalidades. A relação entre política e estratégia é estreita com elaborações conceituais diversas e, muitas vezes, concorrentes. De modo sucinto, para o objetivo a ser analisado na presente escrita, se concebe estratégia como dinamismo em que se apresenta como eixo para meios e para fins inseridos na política. A estratégia demanda como dinamismo, portanto, adaptabilidade e adequação, principalmente, por contingências não previstas nas possibilidades, ou seja, nos cenários delineados. Essa junção entre estratégia, adaptabilidade e adequação consiste em traçar o que deve ser permanente e o que deve ser mudado. O interesse e o objetivo em uma estratégia é o permanente enquanto os meios utilizados são os mutáveis.

A estratégia quando associada à ação e ao poder torna-se a articulação de o *que* se precisa com vistas a uma finalidade e, para isso, requer um *como* fazer. Quando Jason Stanley apresenta o livro *Como funciona o fascismo – a política do “nós” e “eles”*, o título clama tanto pelo *como* (*how*) quanto pelo *funcionar* (*work*). A política vinculada ao *funcionar* é convidar a expor como conquistar o objetivo e o interesse de modo mais amplo, efetivo e, de preferência, rápido. A linguagem é um dos recursos utilizados para que uma política funcione e, por isso, consiste em

tracedar a linguagem como estratégia e, não, meramente, como um recurso ordinário, comum do dia a dia.

Jason Stanley enfatiza o fascismo de se valer da linguagem como estratégia e prescindirem da compreensão de verdade e falsidade. Para isso, fascismo tende a ser analisado pelo filósofo norte-americano de modo universal, passível de ser em qualquer lugar do mundo, e não histórico, acontece em qualquer momento e não somente em um período histórico cronológico:

Nos últimos anos, diversos países de todos os cantos do mundo foram acometidos por uma espécie de nacionalismo de extrema-direita. A lista inclui Rússia, Hungria, Polônia, Índia, Turquia e Estados Unidos. A tarefa de generalizar em torno de tal fenômeno é sempre problemática, já que o contexto de cada país é sempre único. Mas essa generalização é necessária no momento atual. Escolhi o rótulo “fascismo” para qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural), no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome (STANLEY, 2018, p. 7).

É relevante considerar, desse modo, que, no quase primeiro quartel do século XXI, há um recrudescimento do nacionalismo de extrema-direita em diversos países e, com isso, cabe, verificar como a linguagem adentra na tática dessas políticas:

Meu interesse neste livro está na *política* fascista, sobretudo nas táticas fascistas como mecanismo para alcançar poder. Quando aqueles que empregam essas táticas chegam ao poder, os regimes que eles praticam são, em grande parte, determinados por condições históricas específicas. O que aconteceu na Alemanha foi diferente do que aconteceu na Itália. A política fascista não conduz necessariamente um estado explicitamente fascista, mas é perigosa de qualquer maneira (STANLEY, 2018, p. 7).

A linguagem como estratégia perpassa outras estratégias inseridas nas táticas fascistas e, por ser transversal, se torna elemento constitutivo de toda e qualquer estratégia nas táticas do fascismo. Quando se concebe o fascismo de modo universal e não histórico, a linguagem transforma-se na estratégia central ainda que escamoteada por outras estratégias, pois possibilita manter-se em *movimento*. É a manutenção do *movimento* a condição para a permanência da política fascista como opção política. Mais do que isso, não há *esquecimento* quando se insere a linguagem como estratégia já que a linguagem é o meio do conteúdo constitutivo proposto pela política. Essa dimensão apresenta-se por diversas facetas:

A política fascista inclui muitas estratégias diferentes: o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei

e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Embora a defesa de certos elementos seja legítima e, às vezes, justificada, há momentos na história em que esses elementos se reúnem num único partido ou movimento político, e esses momentos são perigosos (STANLEY, 2018, p. 8).

A linguagem *funciona entre* as pessoas a vários fins políticos em que requer um funcionamento contínuo. Como consequência, a linguagem precisa de marcas, fronteiras diferenciais para que a identidade do alvo da política fascista tenha efeito e resultado. É a arregimentação dos elementos para que expandam o alcance com um viés de retroalimentação. De modo prático, é o conteúdo necessário advindo da política na linguagem formando-se a *todo o momento*. Não é casual a possibilidade de verificar o que é política fascista, pois as balizas são dadas explicitamente em uma noção separada de aparência e o que efetivamente pretende obter como objetivo e interesse. Mais especificamente, é necessário que essas balizas sejam realizadas na prática a fim de que a linguagem tenha imagem e presença sobre aquilo que visam às políticas fascistas:

O sintoma mais marcante da política fascista é a divisão. Destina-se a dividir uma população em “nós” e “eles”. Muitos tipos de movimentos políticos envolvem tal divisão. Por exemplo, a política comunista utiliza como arma as divisões de classe. Para fazer uma descrição da política fascista é necessário descrever a maneira muito específica pela qual a política fascista distingue “nós” de “eles”, apelando para distinções étnicas, religiosas ou raciais, e usando essa divisão para moldar a ideologia e, em última análise, a política. Todo o mecanismo da política fascista trabalha para criar ou solidificar essa distinção (STANLEY, 2018, p. 9).

A linguagem torna-se essencial para que a divisão entre “nós” e “eles” *funcione* e, principalmente, tenha resultados políticos efetivos. Como consequência, a divisão requer estar presente constantemente em qualquer temática para que seja marca distintiva. Inserir termos, expressões, clichês, frases de efeito e repetir por meio de qualquer forma de comunicação é imprescindível para que a política fascista institua a divisão “nós” e “eles”. Esses componentes possibilitam extrair e identificar *onde* se observa a política fascista, ou seja, características comuns possíveis de serem verificadas em qualquer país.

Nesse sentido, a efetivação da política fascista viabiliza-se por moldar uma noção de mundo, de espaço, de ambiente e de meio relacional como imagem, uma mera aparência sem concretude. Ao propor o resgate do *passado mítico*, o fascismo lida com o passado harmonizado pela pureza e pela perfeição interrompida por



concepções liberais e cosmopolitas direcionadas pelo princípio da igualdade consubstanciadas em um globalismo. Ao reforçar pela linguagem o *passado mítico*, “Essa história imaginária fornece provas para apoiar a imposição de hierarquia no presente, e dita como a sociedade contemporânea deve ser e agir” (STANLEY, 2018, p. 13).

Ao constantemente invocar pureza e um *passado mítico*, a linguagem da política fascista trabalha com as emoções e, não, com a razão. Mais especificamente, se busca instituir um componente imaginário de perfeição contraposto por uma realidade, na leitura de mundo fascista, nefasta dada pela desordem. Ao lidar com emoções no *passado mítico*, a linguagem fascista como estratégia objetiva o âmago da imaginação e da representação como molde de uma possível realidade *pura e melhor* dada, nesse caso, somente pelo fascismo. Para isso, a linguagem por meio do *passado mítico* é atrativa já que “Crenças e desejos nos guiam na ação. Ao considerar a natureza desses estados, é natural apelar para noções representacionais um tanto misteriosas” (STANLEY, 2010, p. 87)<sup>7</sup>.

No caso da *propaganda*, ainda que emoções e representações sejam elementos constituintes, o aspecto oculto é o principal. A linguagem na *propaganda* serve para ocultar e, ao mesmo tempo, angariar atração política. O vínculo entre política e *propaganda* está à mercê dos interesses e objetivos, e, no caso do fascismo, a linguagem permite obrar termos, expressões e conteúdo para que a finalidade seja e esteja oculta. Por isso, “A propaganda política usa a linguagem dos ideais virtuosos para unir pessoas por trás de objetivos que, de outra forma, seriam questionáveis” (STANLEY, 2018, p. 28).

A *propaganda* política na concepção de linguagem do fascismo abrange não somente o que é escrito por meio de documentos, posicionamentos oficiais, memorandos, entre outros, mas o que é dito por meio de discursos e de pronunciamentos. Desse modo, a *propaganda* constituída em qualquer meio de comunicação absorve a linguagem fascista como estratégia não somente como linguagem descritiva, “Mas linguagem *também* é caracteristicamente usada para demarcar e isolar uma população-alvo durante o processo que a direciona ao seu extermínio em massa, à redução da empatia por eles, a sua exclusão e ao seu

---

<sup>7</sup> Tradução do autor. O original é “Beliefs and desires guide us in action. In accounting for the nature of these states, it is natural to make appeal to somewhat mysterious representational notions”.

silêncio” (BEAVER & STANLEY, 2019, p. 504)<sup>8</sup>.

Nesse sentido, a *propaganda* permite lidar com temas diversos como corrupção, democracia, liberdade, racismo, entre outros, sempre em um equilíbrio entre ocultar a finalidade, prescindir de noções de verdade e falsidade e absorver de modo contínuo e crescente adesões para uma política fascista. O conteúdo não é explícito, ao contrário, está dotado de sombras, aparências e codificações:

Palavras de código são precisamente uma classe de expressões que são usadas para transmitir mensagens controversas enquanto permite ao comunicador manter uma negação plausível a respeito da comunicação dessa mensagem controversa. De modo mais geral, na comunicação, nós frequentemente buscamos incutir em nosso público uma crença, ou talvez apenas uma *desconfiança*, sem que eles “atribuam” essa intenção comunicativa a nós (BEAVER & STANLEY, 2019, p. 521).<sup>9</sup>

Encontra-se, assim, a *propaganda* como um dos elementos para o *anti-intelectualismo* e a *irrealidade* em que o pilar central é a linguagem. No conjunto, a política fascista prepara e age na formação da atmosfera e na criação por meio de distorções da divisão “nós” e “eles” a cada situação prática, ou seja, a cada momento do dia a dia de cada membro de uma sociedade. Não é casual que “Quando a educação, a especialização e as distinções linguísticas são solapadas, restam somente poder e identidade tribal” (STANLEY, 2018, p. 37).

Cabe destacar que o limiar dado pela divisão entre “nós” e “eles” para a existência de um “nós” *fascista sem “eles”* é tênue. A política fascista começa pela existência de um “eles” e pode vir a trabalhar com a inexistência do “eles”. Cada estratégia exposta pelo filósofo norte-americano são elementos de um conjunto integrado em que a linguagem, por ser transversal, permite dinâmica e movimento à política fascista. Como consequência, um dos pontos desse limiar é a incidência massiva das emoções em detrimento da razão:

A política fascista substitui o debate fundamentado por medo e raiva. Quanto é bem-sucedida, seu público fica com uma sensação de perda e

---

<sup>8</sup> Tradução do autor. O original é “But language is also characteristically used to demarcate and isolate a targeted population during the process leading up to their mass extermination, to reduce empathy for them, to exclude and silence them”.

<sup>9</sup> Tradução do autor. O original é “Code words are precisely a class of expressions that are used to convey controversial messages while allowing the speaker to maintain plausible deniability over communicating that controversial message. More generally, in communication, we often seek to instill in our audience a belief, or perhaps just a suspicion, without having them “pin” that communicative intention on us”.

desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que, segundo foi dito, são responsáveis por essa perda (STANLEY, 2018, p. 53).

A *hierarquia* e a *vitimização* lidam com as perdas, com a inversão de um suposto poder estabelecido de modo *natural* representado por status e com a sensação e as imagens de *minorias* serem *dominantes* em uma representação de mundo com tendências a desmoronar. A política fascista vale-se para agir como salvacionista, o último trunfo de uma leitura de mundo que foi perdida e precisa ser não só resgatada como também ser salva. A linguagem como estratégia aparece por meio de técnicas como o denominado *dogwhistle*:

Palavras que têm um conteúdo explícito aparentemente neutro, mas tem o efeito, entre certos públicos, de representar as coisas de uma forma decididamente não neutra, em maneiras que estão desconectadas de seus significados literais - por exemplo, palavras que conotam associações fortemente negativas - são chamadas de *dogwhistles*. Um *dogwhistle* é um enunciado que sinaliza uma coisa aparentemente inofensiva para um público e algo muito diferente, geralmente prejudicial, para um público diferente (BEAVER & STANLEY, 2019, p. 511).<sup>10</sup>

Em esse processo associativo dado pela linguagem, cuja transversalidade se insere nas demais estratégias da política fascista, *lei e ordem* adquirem significância por viabilizar uma ação de *ajustes* de uma eventual *desordem*. Para isso, a *lei* simboliza qualificar as divisões desejadas e, como consequência, aparar, corrigir e eliminar o que está *fora da ordem*. Ao considerar que é passível de se estabelecer a razão da linguagem fascista ser universal e não histórica, a ameaça do “eles” para os “nós” fascistas transcende fronteiras. Desse modo, a política fascista assimila e capacita uma linguagem universal em que o “eles” está em *todo o mundo* e, assim, é preciso forjar uma aliança internacional tanto como impedimento quanto de eliminação ao “eles”.

Reafirma-se, novamente, a relação entre política, comunicação e linguagem para que se passe a sensação, a imagem e a emoção de que há um *consenso internacional* de ameaça e de perda em que o maior responsável é o “eles”. Esse *consenso internacional* também é absorvido por uma linguagem fascista como

---

<sup>10</sup> Tradução do autor. O original é “Words that have a seemingly neutral explicit content but have the effect, among certain audiences, of representing things in a decidedly non-neutral fashion, in ways that are disconnected from their literal meanings - for example, words that connote strongly negative associations - are called dogwhistles. A dogwhistle is an utterance that signals one apparently harmless thing to one audience and something very different, usually harmful, to a different audience”.

estratégia em que há facilidade para ser disseminada tendo em vista a tecnologia e a velocidade da comunicação. Desse modo, o conteúdo da linguagem é disseminado internacionalmente por uma política fascista forjada no plano internacional em que também não interessa a verdade ou a falsidade, mas, sim, a reprodução constante do perigo, da ameaça, da perda. É um trabalho *urbi et orbi* e, para isso, a exaltação do nacional e a opressão e, eventual aniquilamento, do ser globalizado são necessárias em uma constância da política fascista:

A ideologia fascista rejeita o pluralismo e a tolerância. Na política fascista, todos na nação escolhida compartilham uma religião e um modo de vida, um conjunto de costumes. A diversidade dos grandes centros urbanos, com sua concomitante tolerância em relação à diferença, é, portanto, uma ameaça à ideologia fascista. A política fascista tem como alvo as elites financeiras, pessoas “cosmopolitas”, pessoas liberais, bem como minorias religiosas, étnicas e sexuais. Em muitos países, esses grupos são marcadamente urbanos. As cidades, portanto, servem como alvo substituto para os inimigos clássicos da política fascista (STANLEY, 2018, p. 122).

As *correntes* da política fascista estão integradas entre uma emoção e uma imaginação constantemente evidenciadas por meio de uma *ansiedade sexual* em que necessita enaltecer a família tradicional, o macho, o pai, o branco em conjunto com os *apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público*. As referências de *salvar e salvador* surgem, principalmente, quando a conjuntura propicia expor estados de emergência, crises, tragédias e caos. Uma vez considerada a condição para reforçar o “nós” contra “eles”, é o momento da escolha e do aprofundamento da divisão, pois “Na ideologia fascista, em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para os membros da nação escolhida, para “nós” e não para “eles”” (STANLEY, 2018, p. 127-128).

Esse constructo da política fascista por meio de uma linguagem como estratégia exposta como transversal a todas as demais estratégias das táticas fascistas abre constantemente a oportunidade e a existência do reconhecimento. O fascismo deixa de ser só uma referência histórica no tempo cronológico e se torna, por atuar na representação, na imaginação e na emoção, uma proposta de viver. Para isso, reconhecimento e formação de um campo próprio viabilizam manutenção do fascismo e possibilidade de política fascista. Para isso, cabe compreender de que “O ato de reconhecer e ser reconhecido significa também o poder de reconhecer, de

designar o que e quem deve ser reconhecido ou o que é pertinente de ser dito ou não em dado momento em dado campo” (CORTÉS, 2016, p. 102).

Essa formação de um campo do fascismo e da política fascista como proposta de vida é a leitura para uma normalização do fascismo e de suas táticas como *mais uma opção disponível*. Jason Stanley destaca para a tendência de normalização e como a filosofia não pode se ausentar em lidar com a temática do fascismo e da política fascista.

### ***A ameaça da normalização***

A preocupação do filósofo norte-americano com o fascismo e a política fascista perpassa a análise e a exposição argumentativa. Ao se deter nas ocorrências e no aumento da incidência fascista em diversos países e sociedades, Jason Stanley busca compreender como o fascismo, aparentemente demarcado historicamente na primeira metade do século XX, adentra como uma opção política e de vida no século XXI. Para isso, o filósofo norte-americano alinha como a presença fascista no dia a dia não é força de expressão ou uma interpretação do que ocorre por observações em demasia porque “[...] a ameaça da normalização do mito fascista é real” (STANLEY, 2018, p. 151).

Essa *ameaça da normalização* institui-se pela receptividade das propostas e da política fascista por uma considerável parcela da sociedade em países distintos. Mais do que isso, é a facilidade da inserção no dia a dia das táticas fascistas, cuja linguagem é uma estratégia transversal e elemento principal para a permanência do fascismo no âmago das sociedades. Como consequência,

[...] pode ser que o fascismo seja um conceito como a democracia – com um núcleo a-histórico que pode ser trazido e descrito como um padrão que pode se enraizar em países que, de outra forma, se diferem radicalmente em suas estruturas sociais e problemas (STANLEY, 2019, p. 5).<sup>11</sup>

Apela-se, com isso, para que a filosofia centralize a temática fascista como estudo e permita compreender o fascismo como não histórico e universal. Além disso, não lidar com o fascismo na perspectiva de que há uma *ameaça da*

<sup>11</sup> Tradução do autor. O original é “it could be that fascism is a concept like democracy – with an ahistorical core that can be brought out and described as a pattern that can take root in countries that otherwise differ quite radically in their social structures and problems”.

*normalização* possibilita que o fascismo transite e se estabeleça para uma *normalização*, e a filosofia requer expor o fascismo no centro de suas temáticas:

[...] Se o fascismo é um conceito localizado historicamente, contudo, então não precisamos nos preocupar em confrontá-lo. O fascismo não pode voltar a ocorrer, e filósofos políticos das décadas recentes estiveram certos em ignorá-lo. Se eu estiver certo, a visão de que o fascismo é um conceito historicamente localizado não é só falsa, é *perigosamente* falsa. Se o fascismo descreve uma ideologia perigosa com apelo universal, representá-la como um artefato de circunstâncias históricas passadas particulares mascara um perigo real. Por não estudar o fascismo filosoficamente, a filosofia dá crédito à visão de que o fascismo não é um risco (STANLEY, 2019, p. 6).<sup>12</sup>

Quando considerado como *perigo real* e um *risco*, é preciso conceber a política fascista dada como táticas por meio das diversas estratégias como expressão também de uma incapacidade de resposta tanto da democracia quanto dos preceitos liberais. A forma fácil de angariar representação pelas emoções pavimentam o caminho do fascismo em uma conjunção constante entre se valer da propaganda para enaltecer medo e raiva com condenação de uma suposta realidade falida resultante da democracia e do liberalismo. A facilidade com que o fascismo ascende em diversos países permite que se conceba de que “Há, em suma, um consenso sobre um fenômeno comum” (STANLEY, 2019, p. 6)<sup>13</sup>.

Esse *fenômeno* denominado fascismo na compreensão de Jason Stanley, ou seja, não histórico e universal, corresponde com a *ameaça da normalização* por meio de ser um *movimento*. Desse modo, o fascismo é *fenômeno* e *movimento* em que a manutenção, a permanência e a inserção como modo de vida ao indivíduo requerem continuamente trabalhar com as emoções. Mais do que isso, é o indivíduo visto pelo fascismo pela face emocional e, não, pelo racional em equilíbrio com o controle sobre esse indivíduo. Como consequência, a transmissão da política fascista é dada por divisões: “nós” e “eles, brancos x negros, nacional x estrangeiro, entre outras. A forma de emergir a divisão é *normalizar* por meio de uma compreensão da política dada como *amigo e inimigo*. Não é casual o resgate pela

---

<sup>12</sup> Tradução do autor. O original é “[...] If fascism is an historically located concept, however, then we do not need to be worried about confronting it. Fascism cannot reoccur, and political philosophers in recent decades have been right to ignore it. If I am right, the view that fascism is an historically located concept is not just false, it is *dangerously* false. If fascism describes a dangerous ideology with universal appeal, representing it as an artifact of particular past historical circumstances masks a real danger. By not studying fascism philosophically, philosophy lends credence to the view that fascism is not a risk”.

<sup>13</sup> Tradução do autor. O original é “There is, in short, agreement about a common phenomenon”.

política fascista do século XXI de referências como Carl Schmitt (1888-1985), cuja noção de *amigo e inimigo*, entre outros temas, é uma das representações políticas destacadas e, agora, atualizadas.

O limiar entre a *ameaça da normalização* e a *normalização* de um conjunto de táticas de diversos espectros e procedimentos, principalmente, em países e continente distintos, comprova para o filósofo norte-americano que não há outro termo para o *fenômeno* e o *movimento* vivenciados no século XXI: “O conceito que nós estamos buscando para isso é fascismo. Seu ressurgimento no cenário mundial hoje nos ensina que o fascismo é uma ideologia que permanecerá atraente no futuro, em circunstâncias diferentes” (STANLEY, 2019, p. 9)<sup>14</sup>.

A política fascista não é mais histórica, é presente e futura ou, na referência de Umberto Eco, um *fascismo eterno* ou *Ur-Fascismo*. Essa presença do fascismo não é mais dos moldes na história, localizadas, mas está *aí, em toda parte* já que “O Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis” (ECO, 2002). Compreender e, principalmente, aceitar que o fascismo está no dia a dia e é passível de continuidade do futuro é o caminho inicial para absorver um novo marco de entendimento sobre o fascismo. Demanda-se, portanto, atenção, estudo, análise, propostas e, não, acreditar que o *fascismo* não exista ou seja uma fábula já que “A possibilidade de que o fascismo pudesse ressurgir como uma força popular não foi mantida suficientemente saliente” (STANLEY, 2019, p. 9)<sup>15</sup>.

Cabe considerar, ao menos, alguns limites para que não se confunda e se perceba o que está em jogo. Para isso, é preciso estar ciente do que está entre a *ameaça da normalização* e a *normalização* como destaca o filósofo norte-americano:

O que a normalização faz é transformar o que é moralmente extraordinário em ordinário. Isso nos torna capazes de tolerar o que antes era intolerável, fazendo parecer que é assim que as coisas sempre foram. Em contrapartida, a palavra “fascista” adquiriu um matiz de extremismo, como se fosse alarme falso. A normalização da ideologia fascista, por definição, faria com que as acusações de “fascismo” parecessem uma reação exagerada, mesmo em sociedades cujas normas estão se transformando com base nessas linhas preocupantes. Normalização significa precisamente que a invasão de condições ideologicamente extremas não é reconhecida como tal porque elas parecem normais. A acusação de fascismo sempre parecerá extrema; “normalização” significa

---

<sup>14</sup> Tradução do autor. O original é “The concept we are looking for is *fascism*. Its reemergence on the world stage today teaches us that fascism is an ideology that will remain attractive into the future, in very different circumstances”.

<sup>15</sup> Tradução do autor. O original é “The possibility that fascism could reemerge as a popular force has not been kept sufficiently salient”.

que as regras do jogo para o uso legítimo de terminologia “extrema” estão sempre mudando (STANLEY, 2018, p. 153).

Os desafios ampliam-se em consonância com a linguagem como estratégia da política fascista. Perceber a dimensão dos desafios postos pelo fascismo e conceber o abismo em que diversas sociedades se encontram quando normalizam o aparente, o ilusório, as divisões, a violência e a agressão constituem o que se vivencia no século XXI.

## Conclusão

Ao percorrer junto com o filósofo norte-americano Jason Stanley como o fascismo recorre à linguagem como estratégia de prática política, consta-se como se apresenta uma linguagem específica. Por meio de uma filosofia analítica, Jason Stanley expõe a linguagem como um instrumento, um meio para que verdade e falsidade sejam centralizadas e relevadas. A política fundamenta o conteúdo constitutivo da linguagem na informação para que poder e ação sejam exercidas, porém, se destaca como verdade e falsidade deixam de ser centrais no fascismo. Para isso, a informação é aparência e produto da política e não se vincula com a verdade ou falsidade. Apresenta-se como se confunde informação com verdade e falsidade, pois, muitas vezes, a política os transforma em sinônimos.

Ao considerar a finalidade, a política atrai *o que* é necessário para conseguir o objetivo já que se demanda um *funcionar*. Nesse sentido, se expõe de que a linguagem é estratégia e, no caso das táticas fascistas, é uma estratégia transversal. No conjunto de todas as estratégias da política fascista, a linguagem é constituinte de todas as demais estratégias e, ao mesmo tempo, é a que permite a manutenção do fascismo como *movimento*. A política fascista visa, assim, estar presente como opção política e evitar o *esquecimento*.

Jason Stanley destaca como para *funcionar* o fascismo recorre a divisões para que a linguagem adquira imagem e presença. A divisão “nós” e “eles” é recorrente para que a política fascista mantenha-se, consolide-se e ative-se no conjunto da sociedade a que visa alcançar poder e agir. Para isso, se apresenta como as diversas estratégias – *passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, consenso internacional, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público* – expressam o



aprofundamento das divisões em consonância com uma linguagem que as perpassa e serve por si mesma para a política fascista.

Mostra-se também como imagem e aparência são alicerces do fascismo a fim de que por meio das emoções sejam criadas e estabelecidas as sensações de perda e de raiva e, com isso, se ampliem e aprofundem as divisões. A emoção é elevada e centralizada e a razão é suprimida na política fascista. Ao ser opção política e ao *funcionar* e ser um *movimento*, se destaca, conforme Jason Stanley, o fundamento do fascismo ser não histórico e universal. Dado como *fenômeno*, se apresenta uma *ameaça da normalização* por meio de elementos dicotômicos como a noção de *amigo e inimigo*.

A *ameaça da normalização* e a *normalização* separam-se de modo tênue em relação uníssona em como a sociedade, cujo fascismo é opção política, é *movimento* e é *fenômeno*, capta e recebe as táticas fascistas. Apresenta-se de que, ao aceitar as divisões propostas pelo fascismo em harmonia com uma linguagem fascista contínua e crescente, mais o fascismo absorve ser um modo de vida. Ao lidar continuamente com emoções, o *extremo* normaliza-se e se torna aceitável. Desse modo, se conclui de que o fascismo é presente e futuro, pois se mantém como opção e *desejo* ao centralizar constantemente nas emoções as divisões e ao ser concebido como a *salvação* para uma sensação de sociedades em desmoronamento.

Jason Stanley ressalta como o limiar para a *normalização* do fascismo é expressão da receptividade das táticas fascistas como *ordinária* e, por isso, o fascismo é não histórico e universal. Conclui-se, assim, um alerta de que o fascismo não é extemporâneo ou marcado no tempo histórico, mas, sim, uma política amalgamada nas emoções em que se mantém como latência e pulsão na vivência política presente e vindoura do século XXI.

## Referências

BEAVER, D.; STANLEY, J. Toward a Non-Ideal Philosophy of Language. *Graduate Faculty of Philosophy Journal*, v. 39, n. 2, p. 501-545, 2019.

CORTÉS, O. *A inter-relação bourdieusiana: habitus, campo e capital*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

D'AGOSTINI, F. *Analíticos e continentais: Guia à filosofia dos últimos trinta anos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

ECO, U. *O Fascismo Eterno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

STANLEY, J. “Assertion” and Intentionality. *Philosophical Studies*, v. 151, n. 1, p. 87-113, 2010.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

STANLEY, J. *Language in context: selected essays*. New York: Oxford University Press, 2007.

STANLEY, J. Philosophy of Language in the Twentieth Century. In: MORAN, D. (Ed.). *The Routledge Companion to Twentieth Century Philosophy*. London: Routledge Press, 2008, p. 382-437.

STANLEY, J. The Philosophy of Fascism. *The Philosopher*, v. 107, n. 2, p. 4-9, 2019.

*Recebido em: 28/09/2021.*

*Aprovado em: 29/10/2021.*

*Publicado em: 29/10/2021.*